

## Apresentação

No dia 16 de dezembro de 1922 morria em Jerusalém o discutido e heroico linguista e jornalista Eliezer ben Yehuda, nascido no Império Russo em 1858, com o nome original de Eliezer Yitzhak Perlman. Adotando o nome completamente hebreu, ele contribuiu com toda a sua vida para que o idioma hebraico voltasse a ser falado correntemente, após quase dois mil anos de quase silêncio, confinado às orações ou à expressão literária no âmbito religioso e ocasionalmente laico. No último caso temos o exemplo registrado na Idade Média ibérica, com a renovação literária da época, e depois, a partir de fins do século 18, com o movimento iluminista judaico (Hascalá), que se estendeu até fins do século 19, precedendo o Sionismo e o estabelecimento de grupos judaicos na Palestina, que dariam origem ao Estado de Israel e viveriam a volta do hebraico entre os idiomas falados.

Em homenagem ao referido centenário de falecimento publicamos nesta edição o esboço biográfico de Ben Yehuda escrito por seu filho Itamar ben Avi (Ben-Zion Ben-Yehuda) e traduzido pelo professor Gabriel Steinberg. O texto recorda o trajeto marcado por sonhos, privações, perseguições e sacrifícios pessoais de toda ordem, também relacionados pela dedicação incondicional do lexicógrafo-jornalista-ideólogo à renovação do hebraico no panorama do século 20, criando um dicionário do que poderia ser a língua da Bíblia aplicada à contemporaneidade. Ele foi, nesse aspecto, incompreendido, entre outros, pelo grande poeta hebraico Chaim Nachman Bialik (Rússia 1873-Viena 1934, tendo vivido também em Tel Aviv) que escreveu um ensaio no qual confronta o projeto de Ben Yehuda a partir de critérios estéticos que o escritor brilhante parecia considerar praticamente sagrados. Essa polêmica é revisitada por Shmuel Avineri, aqui traduzido do hebraico pela professora Nancy Rozenchan. É uma significativa informação sobre diferentes ideologias da linguagem. Pode-se verificar a posição antagônica de Bialik como um exemplo de radicalidade pretensamente purista, enquanto Ben Yehuda ensaiava a língua do dia a dia, como jornalista e como pessoa. Como dizer telefone, avião, cinema, táxi, rádio? Mas como pensar num idioma ativo sem esses e outros pontos conflitantes?

Evidentemente, o projeto idiomático só poderia se firmar com a formação de usuários do hebraico desde a infância, o que se concretizou graças, evidentemente, à instalação de rede escolar que produzisse a nova versão da língua dos profetas no ponto de partida, dentro do quadro de um plano maior visando ao estabelecimento de um novo Estado na região, outro tema destacado neste número por estudo de Guilherme Aragão Cardoso.

Também publicamos textos de ficção importantes para que o hebraico voltasse a ser falado nas ruas e produzisse uma literatura compatível com a atualidade. Primeiro, um conto da autoria de Micha Berditchevski (Ucrânia 1865-Berlim 1921), pioneiro, como outros, ainda na Europa, e de três escritoras também pioneiras, duas delas já radicadas na então Palestina. Todas elas sob o signo do feminismo florescente. São elas Nechama Pochachevsky (Império Russo 1869-Terra de Israel 1934), depois Chava Shapiro, que nasceu em 1876 na Rússia e foi assassinada no campo nazista de Terezin, Tchecoslováquia em 1943. E Elisheva, pseudônimo de Ielizabeta Ivanovna Zhirkova-Bychowski (Rússia 1888-Tiberíades 1949). A última escritora casou-se em seu país natal com o jornalista judeu Shimon Bikhovksy e o casal imigrou para a Palestina no ano de 1925. Ela assinou seus trabalhos como Elisheva, tendo aprendido o iídiche e o hebraico no país natal, onde também começou a escrever nas duas línguas judaicas em prosa e verso – ela não se converteu ao judaísmo. Os três contos foram traduzidos para o português pela estreante nessa atividade, Flávia Fridman, paulistana, ex-aluna de literatura e língua hebraica da USP, há anos radicada em Israel. Hoje a língua de Israel é conhecida e estudada em diversos países, sendo também falada e escrita perfeitamente por cidadãos árabes israelenses. Essa sequência, permite o contato com a ficção escrita em hebraico antes da proclamação do Estado em 1948.

Essa sequência, permite breve mas significativo contato com a ficção escrita em hebraico antes da proclamação do Estado em 1948. A literatura produzida nesse idioma pode ser hoje habitualmente encontrada em traduções para as mais diversas línguas do planeta. E o grande narrador Shmuel Yossef Agnon (Galícia polonesa 1888-Israel, 1970) recebeu o Nobel de Literatura em 1966. Também publicamos outro exemplo da língua hebraica, com a tradução do texto midráshico *Ele Ezkera*, por Manu Marcus Hubner. E uma pesquisa sobre peculiaridades do idioma de Ben Yehuda e Bialik, *Breve Fonologia Contrastiva: Hebraico e Português*, elaborada pelo professor Reginaldo Gomes de Araújo.

*Moacir Amâncio*